

Inflação oficial continua crescendo, mas em ritmo menor

No mês de março, a inflação oficial do País, medida pelo Índice Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou 0,71% na passagem do mês. Em fevereiro, a variação tinha sido de 0,84%, mostrando assim uma desaceleração do índice.

Embora o ritmo de crescimento da inflação tenha diminuído, ela continua persistente e disseminada ao consumidor, apresentando assim elevada probabilidade de que o índice supere a sua meta para 2023, conforme ocorreu em 2022. Em março, o índice de difusão, mensurado pelo Banco Central do Brasil (BACEN) e que mostra o percentual de itens com aumento de preços, foi de 59,95%, redução de 5,30 p.p. em relação ao mês anterior. Porém, na comparação com fevereiro de 2020, período pré-pandemia, percebe que a pressão no momento atual é alta, pois naquela época, o índice era de 49,34%.

O IPCA acumulado no ano de 2023 é de 2,09%, 1,11 ponto percentual (p.p.) menor do que o observado em março de 2022 (3,20%). E, em relação a março de 2021 (2,05%), o resultado é ligeiramente maior em 0,04 p.p. Já na comparação dos últimos doze meses, o desempenho de março corrobora certo arrefecimento da inflação ao cair 0,95 p.p., saindo de 5,6% para 4,65% na passagem mês a mês.

O principal impacto no índice de inflação em março veio do grupo Transportes que apresentou a maior alta na passagem do mês (2,11%) e o maior impacto no índice geral (0,43 p.p.). Esse movimento foi impulsionado pelos reajustes nos preços da gasolina (8,33%) e do etanol (3,20%), os quais foram desencadeados pelo retorno da cobrança de impostos federais no início do mês.

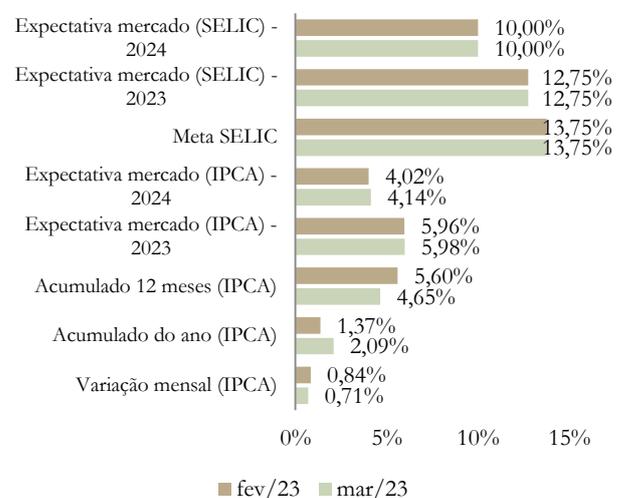
Por outro lado, é bom lembrar que a reunião de março do Comitê de Política Monetária (Copom) do Bacen reafirmou que caso o processo de desinflação não transcorra como esperado, a autoridade monetária não hesitará em retomar o ciclo de ajuste da SELIC. Além disso, os membros do Copom também expressaram que na percepção do Comitê a dinâmica inflacionária atual é provocada por excesso de demanda, sobretudo, no setor de serviços,

havendo ainda incertezas sobre a redução e o controle dos preços para dentro dos arredores da meta da inflação.

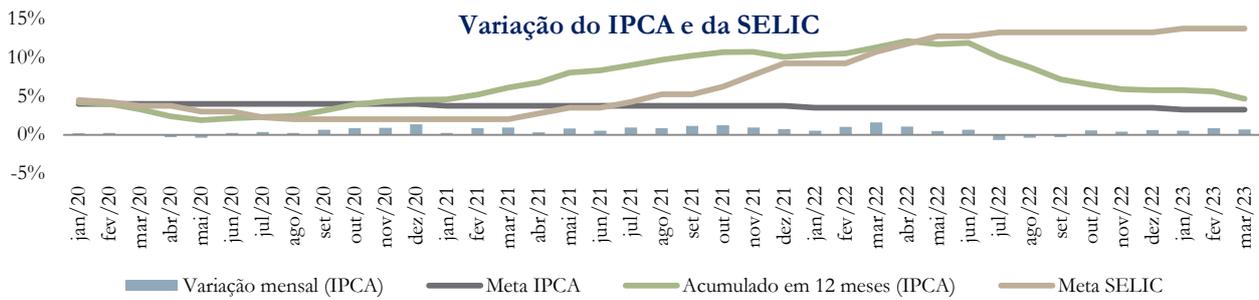
Ademais, no campo das expectativas, o cenário ainda não é claro e a divulgação da proposta de arcabouço fiscal do Governo Federal no qual os gastos públicos nunca se reduzem e que inegavelmente levará a aumento da carga tributária parece que está levando o mercado a ajustar suas projeções.

Devido a esse panorama, as expectativas de mercado para o IPCA no final de 2023 foram elevadas em 0,02 p.p., atingindo 5,98%, segundo o relatório FOCUS de 06 de abril de 2023. Para o final de 2024, a expectativa é de que a inflação oficial seja 4,14%. Já para os preços administrados, espera-se que a variação seja de 9,79% no final de 2023 e de 4,50% em 2024. Por fim, o mercado também acena que o aperto monetário deve permanecer forte e a SELIC deve atingir 12,75% no final de 2023. Só para o final de 2024 é que se espera a SELIC próxima ao limiar de um dígito (10,00%).

Resultados



Fonte: IBGE e Bacen



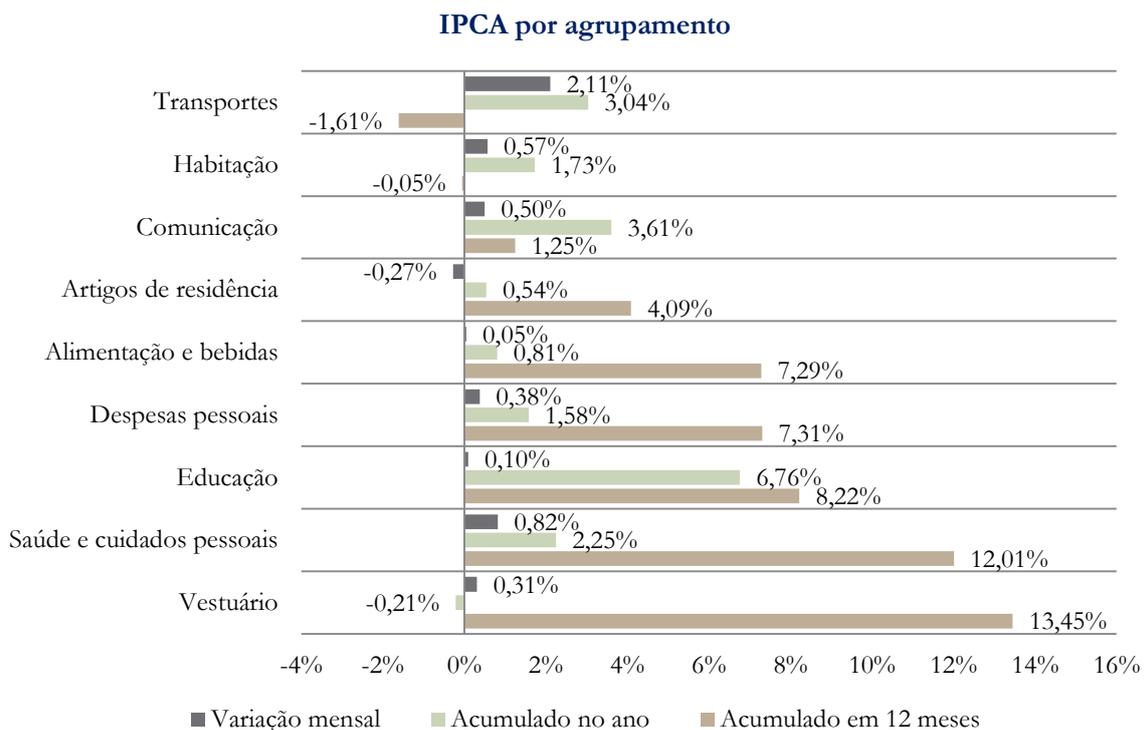
Fonte: IBGE e BACEN

Em março, dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE oito apresentaram alta diante do mês anterior. Somente Vestuário apresentou deflação (-0,21%) pelo terceiro mês consecutivo, ainda que pese o fato deste ser o grupamento que lidera no acumulado em doze meses com 13,45%.

O grupo Transportes foi o responsável pelo maior impacto (0,43 p.p.) e a maior variação (2,11%) na passagem de fevereiro para março. O movimento foi provocado pela edição da Medida Provisória 1157/2023 que reestabeleceu a cobrança dos impostos federais nos combustíveis líquidos no início do mês. Dentre os subitens que compõe este grupo, Gasolina foi o que teve maior impacto individual no índice do mês (0,39 p.p.) com variação de 8,33%. Outras variações relevantes ocorreram em transporte por aplicativo (2,61%), emplacamento e licença (1,61%), transporte escolar (1,42%) e passagem aérea (-5,32%).

Pelo segundo mês seguido, Saúde e cuidados pessoais foi o segundo grupo que mais impactou o IPCA em março, 0,11 p.p. A variação de 0,82% foi puxada, sobretudo, pela alta do plano de saúde (1,20%). O grupo ainda é o segundo maior no acumulado em doze meses com 12,01%.

Dentre os grupos que menos impactaram o índice em março, destacam-se: Artigos de residência (-0,01 p.p.), Alimentação e bebidas (0,01 p.p.), Educação (0,01 p.p.) e Comunicação (0,02 p.p.) cujas variações mensais foram de 0,01%, 0,05%, 0,10% e de 0,50%, respectivamente.



Fonte: IBGE